

REFLEXÕES À MARGEM DO TEMPO: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA DE FLORIANÓPOLIS

SUZANA BITENCOURT*

Um professor de história atualizado deve conhecer as referências bibliográficas recentes. Sendo assim, quando este possui clareza no que se refere às tendências historiográficas e as possibilidades metodológicas que a referida renovação propõe, possivelmente estará qualificado para exercer seu ofício que, no mais das vezes, significa a formação de um conhecimento histórico baseado na produção do conhecimento articulado em sala de aula.

No entanto, compreender a dimensão do seu ofício obtendo informações atualizadas, não basta. É preciso executar tais renovações!

Este artigo pretende refletir sobre a experiência de estágio supervisionado do curso de graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. O estágio de docência aconteceu no primeiro semestre de 2010 em dois Núcleos de Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura Municipal de Florianópolis. A referida experiência mostrou aos estagiários a renovação historiográfica na prática.

Oficialmente oferecida a partir de 1970, a alfabetização de adultos destinava-se contribuir com as pessoas que perderam o tempo regulamentar de estudos. O letramento como se diz hoje, acontecia com base no método Paulo Freire. Em 1984 iniciou a alfabetização propriamente. Em 1989 o Estatuto do Magistério Municipal criou a EJA como uma área de atuação efetiva e dimensionada para atender as duas fases do ensino fundamental, a saber: as séries iniciais e as séries relativas à quinta à oitava série. Porém, foi a partir do MRC (Movimento de Reorientação Curricular) iniciado no município de Florianópolis em 1993, que a EJA ganhou status de modalidade de ensino, onde passou a significar um projeto de educação básica contendo uma proposta curricular própria. As séries do ensino fundamental passaram a se chamar Ciclo I e Ciclo II respectivamente.

Desde sua implantação até a atualidade, muitas mudanças aconteceram no projeto. No que se refere ao Ciclo II, objeto do nosso campo de estágio, atualmente a

* Mestre em História Cultural. Professora colaboradora -2010/2011- na disciplina Fundamentos e Métodos do Ensino de História – UFSC/MEN.

modalidade se desenvolve no princípio da sala de aula como ambiente de pesquisa. Para tanto, dois professores de áreas distintas atuam em dois momentos de atividades. Tal profissional é mais conhecido como professor de EJA contribuindo com sua formação específica durante os momentos de orientação geral das pesquisas.

Na EJA do município de Florianópolis as aulas não acontecem como ocorrem em uma escola convencional. São ofertadas considerando um tempo específico e organizadas ao longo de um turno. Acredita-se que assim, diluindo as disciplinas que compõe o currículo próprio do ensino fundamental, a interdisciplinaridade acontece efetivamente. O conhecimento específico de cada área ocorre nos momentos do planejamento, na orientação de pesquisas que os educandos estão desenvolvendo. O referido planejamento acontece no contra turno, ou seja, o grupo de professores geralmente contratados em regime de 30 horas semanais articula as pesquisas em andamento com sua bagagem formativa buscando bibliografia e desenvolvendo as estratégias para a atuação em sala de aula no sentido de contribuir e fortalecer os temas pesquisados.

No que se refere à pesquisa como princípio pedagógico, de acordo com Oliveira esta pretende minimizar a dicotomia entre teoria e prática entre os que pensam e os que executam. (OLIVEIRA, 2004: 47-71). As pesquisas originadas a partir de perguntas (problemáticas) do interesse e necessidade dos educandos de EJA, faz deles sujeitos do conhecimento, revira a hierarquia do antigo princípio de que o professor sabe e o aluno aprende, o professor fala e o aluno escuta. Na prática no projeto pedagógico de EJA, o estudante se torna o sujeito de sua vontade de conhecer.

Sobre o tema da pesquisa no ambiente pedagógico, também se pode levar em conta as considerações de Demo. Para o autor, a pesquisa como método pedagógico inverte o planejamento, o professor é também um construtor de conhecimento, pois necessita se qualificar, se atualizar cotidianamente. Para tanto, necessita ouvir seu público, entender suas necessidades e dificuldades de formação, ajustando seu planejamento ao perfil da turma. (DEMO, 1997: 5-53).

Nos dois Núcleos de EJA de Florianópolis onde ocorreu o estágio de docência, a maioria dos matriculados são jovens adultos. Este público, aliado ao formato do projeto político pedagógico e aos procedimentos metodológicos, confirmam as condições favoráveis que se configura como um campo específico de políticas públicas, de

formação continuada de educadores, de produção teórica e de intervenções pedagógicas. No dizer de Arroyo, “a finalidade da EJA não poderá ser suprir carências de escolarização, mas garantir direitos específicos de um tempo de vida (...) direitos dos sujeitos que os vivenciam”. (ARROYO, 2001: 19-50). Mais adiante se perceberá em que medida a afirmativa de Arroyo se aplica ao caso. Para que o apontamento do autor fosse levado à cabo, optou-se por acrescentar mais à frente nas páginas deste artigo as inferências dos estagiários. As justificativas, os objetivos e o exercício da prática docente, que o grupo obteve reitera a EJA como garantia de acesso ao conhecimento.

De acordo com a proposta Curricular elaborada pela equipe de profissionais envolvida no projeto EJA de Florianópolis, as questões a serem discutidas/refletidas pelos educandos organizados em equipes de pesquisa, esta relacionada aos anseios que trazem consigo. Depois dos primeiros contatos com os professores, os recém matriculados são orientados a desenvolver seus questionamentos como problemáticas conceituais. O material de assessoramento escrito para o projeto por aquela equipe recomenda:

Elaborada a pergunta a justificativa e as possíveis respostas iniciais, realiza-se uma reflexão conjunta, professores e alunos, para ampliar e aprofundar as possibilidades empíricas e fontes bibliográficas. O senso comum dos alunos é de que uma vez feita a pergunta deve-se passar diretamente para a coleta de dados e logo a seguir elaborar as conclusões. Assim a pesquisa é tarefa para poucas horas. Na EJA de Florianópolis a pesquisa necessita de certas etapas para alcançar todos os objetivos a que se propõe. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2008: 49).

Considerando que pesquisar é uma *atitude*, entende-se que a mesma não está apenas na universidade ou em institutos específicos. Neste entendimento comenta Ciampi “o processo de conhecimento é uma relação particular entre sujeito e objeto (...) ocorre quando o sujeito participa do processo de produção do conhecimento”. (CIAMPI, 2005: 122-135). Notadamente, o desenrolar das problemáticas, e as etapas da pesquisa, que são: viabilidade do tema, coleta de material, mapa conceitual, escrita e por fim a participação das equipes nos seminários de apresentação oferece ao processo a qualificação típica de um processo de conhecimento mais amplo, onde o educando é do começo ao fim do processo, o protagonista de seus resultados.

Assim as práticas educativas da EJA em Florianópolis, confirmam e emprestam sentidos as publicações recentes para o ensino de história quando apontam para uma pedagogia ancorada na teoria atualizada, demonstrando que as elucubrações dos pesquisadores preocupados com os rumos do ensino no Brasil são fecundas. Em seu recente livro publicado em 2009, Circe Maria Fernandes Bittencourt, refletindo sobre conhecimento prévio dos alunos, considera que os recentes debates epistemológicos minimizaram a oposição entre ciência e senso comum. (BITTENCOURT, 2009: 189-191).

Como veremos a seguir, o campo de estágio escolhido as diferenças em relação ao ensino convencional são muitas. Entre elas destaca-se o layout da sala. Sendo um ambiente de pesquisa, os grupos de educandos juntam-se em mesas frente a frente, sendo que esta figuração dilui o professor como personagem central. Este circula pela sala, entre as equipes oferecendo apoio, buscando compreensões, compartilhando conhecimento.

Os momentos de sala de aula, não são divididos em um tempo regular para cada disciplina. Acontecem da seguinte maneira: o primeiro encontro na sala, mais conhecido como primeiro momento é seguido da pausa para o lanche, e o segundo momento, depois da pausa fechando um turno de atividade. Para cada sala de aula e nos dois momentos estão presentes dois professores de áreas distintas. Estes possuem o papel de orientar o andamento das pesquisas, contribuir nos registros, fazer revisão de textos, encaminhar as elucubrações alcançadas pelos educandos ao avançar nas pesquisas. É por isso que cada equipe possui uma pasta, uma espécie de portfólio que alimentam diariamente. Ali se encontram um caderno de pesquisa, ali se armazenam os textos, livros, figuras, desenhos que o tema pesquisado exige e recomenda.

Para que toda esta especificidade tenha bons resultados, os educandos recém matriculados passam primeiramente pelo *acolhimento*. Nesse momento são submetidos, logo no início do ano letivo, a uma exposição detalhada da metodologia de ensino, sendo levados a compreender as etapas da pesquisa.

No que se refere a avaliação do desempenho das equipes ao longo do ano letivo, é realizada a partir do acompanhamento da pasta de pesquisa. Também se observa como ponto de avaliação a desenvoltura dos estudantes na sala, compreensão, organização e método, assim como o relacionamento interpessoal, entre outros aspectos. E ainda

conta-se com um caderno de registros diário diferente do caderno de pesquisa, para que possibilite a avaliação individual. Ali no caderno individual o educando irá registrar seu cotidiano. Assim, a equipe pedagógica pode acompanhar a escrita, leitura, compreensão e interpretação.

Um caderno de brochura é o lugar onde ficam registradas as experiências cotidianas e individuais de cada estudante de EJA da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Florianópolis. (...) Esses cadernos são reconhecidos como cadernos de diário, primeiro material entregue aos estudantes assim que ingressam no curso. (SOUTO, 2009:175-185).

Em relação ao cumprimento do ano letivo para obter aprovação, o estudante precisa realizar três ciclos de pesquisa em grupo e uma última individual, pois considera-se que a partir do terceiro ciclo de pesquisa estará habilitado e desenvolver com autonomia as cinco principais funções cotidianas da EJA, que são: ouvir, falar, escrever, ler e debater.

Por supervisionar o estágio para um projeto de educação diferenciado, cuja proposta pedagógica em nada se parece com o ensino convencional, foi necessário apresentá-lo aos docentes detalhadamente. Esta etapa aconteceu considerando aulas expositivas dialogadas nas dependências da UFSC, onde se discutia os textos que fundamentam e norteiam a EJA em Florianópolis. Esta atividade durou de março a abril de 2010/1, tempo necessário para pontuar os principais destaques. Curioso perceber o estranhamento dos docentes. Na medida em que se avançava na discussão, as indagações, dúvidas e questionamentos dos estagiários revelavam um descrédito, ou ainda, no mínimo uma suspeita de que havia uma distância entre prática e teoria. Havia certo ar de perplexidade nas indagações dos docentes.

De um modo geral os questionamentos gravitavam em torno do planejamento semanal do grupo de professores por não se tratar de um momento individual, da existência de dois professores de áreas distintas atuando simultaneamente em uma sala de aula, da pesquisa como princípio pedagógico. Outro estranhamento forte refletido nos estagiários surgiu quando foram apresentados ao cotidiano do ambiente escolar, isto é, a organização em sala de aula do grupo de educandos denotando certa liberdade.

É perfeitamente compreensível este último estranhamento destacado, pois que no Brasil somos herdeiros de uma tradição jesuíta, no que se refere à escola. Mesmo que

adeptos às inovações, quando nos imaginamos em uma sala de aula, o primeiro modelo que nos aparece é uma mesa separada com outras tantas enfileiradas. Uma maneira de confirmar a hierarquia do saber. A mesa do professor é sempre maior que as demais destacando-se das outras.

Então, feita as apresentações com todos os detalhes necessários, partiu-se para a efetiva observação. Visto que o grupo de estagiários compunha vinte e cinco docentes, foram divididos em dois grupos para atuar em dois Núcleos de EJA. O da Escola Básica Almirante Carvalhal que funciona em Coqueiros no período noturno, na Rua Bento Goiá, 113, e no Núcleo do Centro de Florianópolis, também noturno funcionando nas dependências do CEC, Centro de Formação Continuada, estabelecido na Rua Ferreira Lima, 84.

As observações iniciaram com o acompanhamento das reuniões de planejamento, que, como já se disse, sempre ocorrem no contra turno. Mesmo sabendo que o grupo de estagiários pertence ao curso de graduação noturno, destaca-se o fato de que a maioria se empenhou para participar do planejamento dos professores de EJA que sempre acontecem no período da tarde, duas vezes por semana. Tais encontros muito contribuíram para que conhecessem o perfil dos profissionais e as pesquisas já em andamento nos Núcleos. As reuniões de planejamento, aberta aos estagiários fortaleceu a compreensão do projeto oferecendo mais segurança aos professores aspirantes.

Dos momentos de interação com o grupo de professores nas reuniões de planejamento e depois de haver operacionalizado a observação, os estagiários passaram a construir seus projetos de ensino. Todavia, a referida observação não aconteceu como o tácito acompanhamento das aulas. Mesmo porque o ambiente de sala de aula não possui aquela configuração tradicional, como já se mencionou. Assim, os estagiários se envolveram se misturaram com as equipes de pesquisa em sala de aula. Quer-se com isso dizer que, o fato da EJA possuir características tão específicas quanto já foram mencionadas, possibilitou uma interação privilegiada.

Por recomendação da coordenação de cada Núcleo, a docência aconteceu na forma de oficinas temáticas. Notadamente, cada equipe de estagiários construiu seu tema de oficina imbuído pelos temas de pesquisa que os educandos de EJA estavam desenvolvendo naquele semestre.

As constatações dos estagiários da UFSC, fruto da docência reunidas nos relatórios de estágio denotam a preocupação destes não apenas em utilizar uma bibliografia atual, operar a metodologia do ensino de história de acordo com as novas abordagens, cuja recomendação aponta para o distanciamento do ensino factual, ou ainda tradicional.

Para dar voz aqueles que de fato praticaram a docência, separou-se alguns apontamentos, como os que seguem: “uma das características do educador de história no âmbito da educação de jovens e adultos é ser ouvinte. (GATTI, VAILATI, WILL, 2010: 16).

O *ser ouvinte* destacado pelos estagiários no relatório de estágio significa mais do que usar seu sentido auditivo, aponta na prática para a operacionalização de um conjunto de procedimentos cuja visibilidade projeta aspectos sociais que efetivam os saberes docentes. De acordo com TARDIF, *o saber docente* leva em conta o saber da formação, da disciplina, do currículo e da experiência. (TARDIF, 2002: 183-224). As referências amplamente discutidas se efetivaram contribuindo com a compreensão prática da categoria do *saber experiencial*.

Refletindo sobre multiculturalismo e o ensino de história, Selva Guimarães Fonseca e Marcos Silva em *Ensinar História no século XXI*, pontuam que o referido conceito pode ser utilizado para a escola que se pretende aberta ao saberes cotidianos. (SILVA, 2007: 44-45). Sobre este aspecto detidamente, a equipe de estagiários que trabalhou os aterros inferiu em seu relatório:

O desenvolvimento das oficinas ministradas no Núcleo de EJA do Centro, partiram da idéia que deveriam ser algo interdisciplinar, relacionando a nossa temática com os projetos de pesquisa dos alunos da EJA. (...) decidimos que seria interessante trabalhar com os aterros de Florianópolis porque conseguiremos articular conceitos históricos com problemas sociais, políticos e ambientais, que são visíveis na sociedade. (FREITAS & FREITAS, ROSALEN, TEIXEIRA, 2010: 6).

Notadamente, as equipes de estagiários ao planejar as oficinas a serem oferecidas nos Núcleos, depararam-se com o ato de criar não apenas procedimentos ou estratégias de docência, como também a ajustar sua oferta com a realidade dos educandos, aliando suas escolhas ao referencial teórico pertinente. Assim foi que surgiram as diversas temáticas oriundas das pesquisas em andamento.

Observemos mais algumas inferências igualmente retiradas dos relatórios, como segue: “pensar um tema que possuísse maior aproximação com os alunos (...) a música pois, pode fornecer subsídios para o entendimento de uma determinada época”. (HACKENHAAR, SILVEIRA, RAITZ, 2010: 36). “A Reforma Protestante por se tratar de questões atuais como o respeito a diversidade religiosa”. (HAMES, SOUZA, 2010: 12).

E ainda:

Decidimos abordar a religiosidade e o sincretismo sugerido uma lógica de trabalho com a qual eles próprios já têm contato através do método da EJA: a de que praticamente, qualquer assunto pode virar objeto de estudo, bastando que se faça perguntas (...) e se conduza as pesquisas de modo a ir além dos conhecimentos prévios. (GATTI, VAILATI, WILL, 2010: 36).

Após um intenso trabalho de reflexão desenvolvemos uma oficina que contribuiu com o avanço e desenvolvimento das questões abordadas pelos alunos em suas problemáticas. (...) a história oral poderia ser tomada como uma aliada nas metodologias de aprendizagem na EJA. (GARCIA, SANTOS, SOUZA, 2010: 2).

Continuando com a amostra retirada dos relatórios dos estagiários: “ao propormos como tema gerador a questão racial em nossas oficinas, uma das principais intenções era abordar o tema racismo na realidade dos alunos e desconstruir o uso do termo raça como fator de diferenciação étnica. (ALVES, CORREIA, MAY, VASCONCELOS, 2010: 16). Optou-se pelo tema ponte Hercílio Luz (...) por se tratar de um monumento histórico (...) a fim de manter o foco na história local, escolheu-se a Farra do Boi (...) por estar ligado à cultura da região. (RAMOS, RUDOLFO, 2010: 13). As problemáticas estão focadas em drogas, gravidez, aborto, violência sexual, transplantes (...) optou-se por construir as oficinas tendo como tema gerador as doenças e saúde pública no Brasil do ponto de vista da História. (SANTOS, 2010: 13).

Como já se mencionou os trechos retirados dos relatórios contemplam a experiência de docência das equipes de estagiários. Mesmo que organizadas em dois Núcleos diferentes, pois o contingente de docentes era grande, contaram com um funcionamento particular, embora a docência tenha acontecido na forma de oficinas temáticas relacionadas diretamente com as pesquisas dos educandos de EJA. Este era o ponto de partida para que se efetivasse o trabalho de docência.

Nos últimos vinte anos, o ensino de história passou por diferentes momentos, ganhando novos fôlegos, renovações foram propostas, denotando uma trajetória rica e audaciosa. Chegamos ao limiar do século XXI considerando que a finalidade dos professores de história nos cursos de graduação é formar futuros historiadores que transitem entre a epistemologia e a metodologia da História como disciplina, compreendendo seu campo de atuação, seu método, seu objeto. Ao passo que, aos professores do ensino fundamental e médio, espera-se que articulem a formação de cidadãos conscientes de seu papel.

Cumpra considerar que, seguindo o caminho das renovações teóricas influenciando e emprestando sentido ao ensino de história, e concordando com Hobsbawm quando diz que o historiador possui um papel político, iremos entender que o professor de História tem um lugar importante em nossa sociedade, que é o de formar consciências intermediando o patrimônio histórico da humanidade e o universo cultural do aluno. (PINSKY & PINSKY, 2007: 17-48).

Notadamente, o projeto pedagógico de EJA de Florianópolis enquanto modalidade de ensino confirmou a aplicabilidade teórica, forneceu aos estagiários a possibilidade de experimentar o lugar para testar o ensino de história como um campo aberto de possibilidades.

Bibliografia

ALVES. Mara; CORREIA. Priscila; MAY. Rodrigo; VASCONCELOS. Rosângela. *Um novo olhar sobre o outro: e se eu fosse você? Reflexões e questões étnico-raciais*. Relatório de Estágio Supervisionado de História – UFSC: Florianópolis, 2010.

ARROYO, Miguel. *A educação de jovens e adultos em tempo de exclusão*. In: Alfabetização e Cidadania n. 11, abril 2001.

BITTENCOURT, C.M.F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CIAMPI. Helenice. Epistemologia e metodologia: diálogos interdisciplinares na pesquisa do ensino de história. IN: NETO, José Miguel (org.) *Dez anos de pesquisa em ensino de história: VI Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História*. Londrina: AtritoArt, 2005.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. São Paulo: Campinas, 1997.

FREITAS. Larissa; FREITAS. Rodrigo; ROSALEN. Eloisa; TEIXEIRA. Eugênio. *História e interdisciplinaridade: a construção dos aterros de Florianópolis*. Relatório de Estágio Supervisionado de História – UFSC: Florianópolis, 2010.

GARCIA. Murilo; SANTOS. Petra; SOUZA. João Gabriel. *Uma experiência pioneira: prática de ensino de história na EJA de Florianópolis*. Relatório de Estágio Supervisionado de História – UFSC: Florianópolis, 2010.

GATTI. Maria; VAILATI. Thiago; WILL. Fábio. *Religiosidade como tema de estudos entre educandos da EJA*. Sincretismo em sala de aula: dos conhecimentos prévios ao debate mediado – conversas com estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Relatório de Estágio Supervisionado de História – UFSC: Florianópolis, 2010.

HACKENHAAR. Clayton; SILVEIRA. Jeanne. RAITZ. Crisley. *Novas metodologias, velhos ritmos: a música como suporte para o ensino de história na Educação de Jovens e Adultos*. Relatório de Estágio Supervisionado de História – UFSC: Florianópolis, 2010.

HAMES. Fernando; SOUZA, Leonardo. *Um desafio inovador: conhecendo, aprendendo e ensinando na EJA de Florianópolis*. Relatório de Estágio Supervisionado de História – UFSC: Florianópolis, 2010.

OLIVEIRA, Gilvan M de. *Interesse, pesquisa e ensino: uma equação para a educação escolar no Brasil*. A experiência da rede municipal de educação de Florianópolis. Florianópolis: IPOL, 2004.

PINSKY. Jaime; PINSKY. Carla. O que e como ensinar: por uma história prazerosa e conseqüente. IN: KARNAL. Leandro. (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2007.

RAMOS. Mickaelen; RUDOLFO. Cristina. *A ponte e o boi: a modernização e a tradição*. Relatório de Estágio Supervisionado de História – UFSC: Florianópolis, 2010.

SANTOS. Cassiano. *Relatório de prática de ensino de 1 e 2 graus: o viajante didático*. Relatório de Estágio Supervisionado de História – UFSC: Florianópolis, 2010.

SILVA, Marcos. FONSECA, Selva G. *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: SP: Papirus, 2007.

Secretaria Municipal de Educação. *Proposta Curricular: rede municipal - Florianópolis*. Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2008.

SOUTO, Regina B. Olá diário: escolarização e escrita pessoal. IN: SILVA. Cristiane. (org.) *História e trajetórias de jovens e adult@s em busca de escolarização*. Florianópolis: Ed. UDESC, 2009, p. 175-185.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.